

ABORDAGENS TEÓRICAS E PRÁTICAS EM PESQUISA

COORDENADORES

Patricia Bieging

Raul Inácio Busarello

ISBN 978-85-7221-368-4

2025

CONSIDERAÇÕES SOBRE JUVENTUDES E MODERNIDADE LÍQUIDA:

ENTRE FLUIDEZ E INCERTEZAS NA
SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

*Marilce Zotti
Dayana Pereira Cordeiro
Cleiton Santos da Silva
Chanauana de Azevedo Canci*

RESUMO:

Este texto tem como propósito compreender os paradigmas que estruturam o tecido social contemporâneo no qual as juventudes estão inseridas. Trata-se de um contexto marcado pela fluidez, pela incerteza e pela constante mutação, cenário que Zygmunt Bauman conceitua como modernidade líquida. Nesse ambiente, as estruturas sociais, antes sólidas, se desfazem, impactando diretamente nas trajetórias de vida e, em especial, nas experiências juvenis. Discute-se como a subjetividade e as relações líquidas se expressam na busca por autenticidade e, simultaneamente, na fragilidade dos vínculos sociais, em que os jovens se percebem *juntos, mas distantes*. Analisa-se o desafio do emprego na modernidade líquida, evidenciando como a instabilidade e a flexibilidade do mercado de trabalho reconfiguram as aspirações profissionais e a percepção de futuro. Assim, este ensaio teórico, de natureza qualitativa e abordagem descritiva, busca apresentar uma reflexão crítica a partir da modernidade líquida, de Bauman, promovendo um diálogo com autores como Brecht, Fávero *et al.*, Frigotto e Moll. O texto procura desvendar as complexas formas de ser jovem no século XXI, ressaltando a necessidade de novas abordagens teóricas e analíticas que reconheçam a fluidez e a incerteza como elementos constitutivos dessa experiência. Por fim, discute-se como tais dimensões se entrelaçam na formação do indivíduo enquanto sujeito socialmente construído, no contexto da modernidade líquida, a partir das relações dos jovens consigo e com seu entorno, com especial foco no mercado de trabalho e sua nova configuração, e como isso impacta em suas vidas e perspectivas de futuro. Apresenta os desafios impostos aos jovens, e dentre a fluidez e incertezas, o contraponto das possibilidades de mudança.

Palavras-chave: juventudes; modernidade líquida; desafios; mercado de trabalho; contemporaneidade.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A juventude é um período marcado por transformações profundas, tanto no âmbito individual quanto social. Diante disso, se reconhece a existência de diversas juventudes, abordadas, portanto, em termo plural, pois cada qual possui particularidades e desafios. Essa diversidade é resultado da interseccionalidade de fatores como classe social, gênero, raça, etnia, orientação sexual, localização geográfica, econômica e histórico cultural. Assim, as experiências e as identidades juvenis são construídas a partir de contextos sociais específicos, o que torna impossível generalizar as características e as necessidades das juventudes.

Essa compreensão da heterogeneidade das juventudes é fundamental para o desenvolvimento de políticas públicas e programas sociais que atendam às diversas realidades juvenis e promovam a inclusão social, assim enfatiza Leão (2011, p. 101), ao afirmar que “[...] não se pode, portanto, falar de uma juventude universal, mas em jovens que vivem e compartilham experiências a partir de contextos sociais específicos”.

Nesse sentido, cabe lembrar que o debate sobre juventudes no Brasil não se restringe a uma questão conceitual, mas se conecta diretamente a marcos legais e institucionais, que reforçam a compreensão das juventudes como sujeitos de direitos, e não apenas como uma fase de transição. Tem-se evidenciado como as desigualdades de acesso a direitos fundamentais se distribuem de maneira desigual entre jovens de diferentes classes sociais e territórios, apontando para a urgência de análises interseccionais e de políticas públicas capazes de contemplar essa pluralidade.

Este ensaio teórico, de natureza qualitativa e abordagem descritiva, busca apresentar uma reflexão crítica sobre construção social a partir das concepções de juventudes, enfatizada a partir

da modernidade líquida, de Bauman, promovendo um diálogo com outros autores, como Brecht, Fávero *et al.*, Frigotto e Moll. O texto aborda as relações líquidas dos jovens consigo e com seu entorno, com especial foco no mercado de trabalho e sua nova configuração, e como isso impacta na vida dos jovens e em suas perspectivas de futuro. Apresenta os desafios impostos aos jovens, e dentre a fluidez e incertezas, o contraponto das possibilidades de mudança.

1 CONCEPÇÕES DE JUVENTUDE E CONSTRUÇÃO SOCIAL

A concepção da juventude como uma fase ontológica e singular não se configura como um constructo universal e atemporal, mas sim como um epifenômeno da modernidade. Esse período histórico, marcado pela ascensão da individualidade, da autonomia e da racionalidade, estabeleceu divisões etárias que solidificaram uma identidade juvenil peculiar, dotada de códigos, valores e anseios próprios. Contudo, essa construção social é intrinsecamente dinâmica, metamorfoseando-se em consonância com as transformações socioculturais e econômicas.

Assim, as representações midiáticas, artísticas e literárias das juventudes, que variam consideravelmente ao longo do tempo, desempenham um papel crucial na conformação das expectativas e comportamentos juvenis:

Nesse sentido, as Juventudes se constituem como um conjunto de signos, símbolos e representações culturais. Nós sabemos, hoje, que as idades da vida, embora ancoradas no desenvolvimento biopsíquico dos indivíduos, não são fenômeno puramente natural, mas social e histórico, datado, portanto, inseparável do lento processo de constituição da modernidade, do ponto de vista do que

ela implicou em termos de ação voluntária sobre os costumes e os comportamentos, ou seja, naquilo que ela teve de intrinsecamente educativo (Fávero *et al.*, 2007, p. 28).

A ideia de que as juventudes precisam ser compreendidas não como uma categoria homogênea, mas como múltiplas juventudes que se expressam em diferentes contextos sociais, culturais e econômicos é abordada por Abramovay e Esteves (2007). Os autores enfatizam que as juventudes são uma construção social e histórica, marcadas por transformações ligadas ao tempo, ao espaço e às condições de vida, e não apenas por uma fase biológica do desenvolvimento humano.

Nesse sentido, ser jovem no Brasil assume formas variadas, dependendo das desigualdades de classe, raça, gênero, etnia, religião, orientação sexual e território, levando em consideração também as representações sociais e midiáticas das juventudes, que influenciam a maneira como são percebidas: ora vistas como um problema social, ora como esperança do futuro. Essa dualidade revela uma visão limitada, que ignora a complexidade das experiências juvenis (Abramovay; Esteves, 2007).

Portanto, a construção da identidade juvenil não se dá em um vácuo; não é neutra. É histórica, enquanto um campo de disputa onde se manifestam as forças que constroem a subjetividade, por meio das instituições modernas que atuam como agentes na produção de um tipo específico de juventudes, alinhado às lógicas do desenvolvimento capitalista e das exigências sociais. Está ligada a processos de disciplinamento, controle e normalização. As juventudes, então, se tornam um alvo para instituições como a escola, a família e o mercado de trabalho, que buscam modelar comportamentos e subjetividades para se adequarem às demandas do sistema social.

A noção da juventude como um constructo social, mais do que uma etapa biológica, revela os complexos propósitos da modernidade na construção dos sujeitos. A análise de Fávero *et al.* (2007)

aponta para a juventude como um conjunto de *signos e representações culturais* que não emergem espontaneamente, mas são produto de uma *ação intrinsecamente educativa* da modernidade.

Para Horkheimer, o conceito de *juventudes* surge como uma categoria histórica paradoxal. De um lado, essa juventude representa a resistência contra a uniformização da sociedade de massa contemporânea, consolidando-se como um espaço de singularidade e autonomia. No entanto, essa mesma autonomia, quando desprovida de um pensamento crítico, pode atuar como um mecanismo para perpetuar as estruturas de poder. Isso acontece porque ela intensifica a individualização e a fragmentação das identidades juvenis, podendo, com isso, reforçar a dominação e se tornar um obstáculo para a verdadeira emancipação humana. Essa tensão entre o indivíduo e a sociedade é um campo fértil para a análise crítica das dinâmicas sociais atuais, em que a busca por autenticidade e a luta contra a opressão coexistem com a fragmentação e a alienação. Compreender essa relação é essencial para identificar desafios e oportunidades na construção de uma sociedade mais justa e democrática.

A partir de uma análise sobre as juventudes contemporâneas, sob a visão de Severiano (2001), que empreende uma crítica incisiva acerca da condição do indivíduo na contemporaneidade, a cultura da homogeneização, ao catalisar um processo de individualização exacerbada, impele o indivíduo a um estado de isolamento e descrença ontológica. Nesse contexto, o narcisismo não se configura como uma robustez do ego, mas sim como uma estratégia defensiva face à fragilidade e inseguranças inerentes à sociedade moderna. Ao se refugiar em um universo de consumo, o sujeito *pós-moderno* subverte as interações sociais, substituindo-as por uma miríade de objetos e imagens, o que culmina na alienação de si e do outro.

A fragmentação sempre mais intensa a que está submetido o homem contemporâneo [...] induz o homem "unidimensional" a tornar-se também narcisista, de um narcisismo fruto genuíno de uma cultura homogeneizante,

que, longe de significar um real fortalecimento do eu, indica mais a profunda descrença e o isolamento a que está submetido o homem “pós-moderno”. Este, para sobreviver, desinveste o mundo e refugia-se em soluções estritamente pessoais, onde o objeto/imagem de consumo passa a se configurar na única forma de alteridade possível (Severiano, 2001, p. 113).

A cultura da homogeneização, ao enfraquecer os laços sociais e promover uma individualização extrema, leva à fragilização do indivíduo. Assim, o narcisismo surge, não apenas como um mecanismo de defesa, mas também como um sintoma da crise de subjetividade da nossa era. A busca por uma identidade autêntica em um mundo cada vez mais padronizado se torna um desafio contínuo, demandando novas formas de pensar e de se relacionar com o mundo.

2 RELAÇÕES LÍQUIDAS: JUNTOS, MAS AO MESMO TEMPO DISTANTES

Na sociedade contemporânea, as relações interpessoais são marcadas por uma fluidez e fragilidade que Zygmunt Bauman chamou de *líquidas*. A tecnologia e as redes sociais nos conectam de forma instantânea, permitindo que estejamos *juntos* com inúmeras pessoas a qualquer momento. No entanto, essa proximidade digital, muitas vezes, esconde uma distância emocional e um comprometimento superficial. As relações se tornam voláteis, fáceis de serem iniciadas e, igualmente, de serem desfeitas. O resultado é que, mesmo cercados por conexões virtuais, muitos se sentem sós e vulneráveis, vivendo a contradição de estarem juntos, mas ao mesmo tempo, profundamente distantes uns dos outros.

Para Bauman a modernidade é líquida/fluida por não manter uma forma com facilidade, não fixa o espaço nem prende o tempo, o líquido está sempre pronto e

propenso para mudanças, pode apresentar leveza, mas pode ser mais pesado que muitos sólidos. Em essência, a grande mobilidade e o acelerado devir do líquido é um bom representante metafórico da modernidade contemporânea, pois não tem forma distinta e está em constante mudança física (Soares, 2011, p. 2).

A modernidade líquida, com sua característica de fluidez e individualismo, tem reconfigurado significativamente as relações familiares. A estabilidade e a tradição, antes pilares das estruturas familiares, cedem lugar a arranjos mais flexíveis e negociados. O divórcio, a diversidade de configurações familiares e a valorização da autonomia individual são expressões dessa transformação. A família, antes porto seguro em um mundo incerto, agora navega em um mar de incertezas, buscando se adaptar às rápidas mudanças sociais e culturais. Essa nova dinâmica familiar, embora ofereça maior liberdade, também impõe desafios, como a fragilização dos laços afetivos e a necessidade de construir novas formas de convivência, como nos aponta Bauman (2001, p. 170):

Compromissos do tipo “até que a morte nos separe” se transformam em contratos do tipo “enquanto durar a satisfação”, temporais e transitórios por definição, por projeto e por impacto pragmático - e assim passíveis de ruptura unilateral, sempre que um dos parceiros perceba melhores oportunidades e maior valor fora da parceria do que em tentar salvá-la a qualquer — incalculável — custo.

Zygmunt Bauman, proeminente sociólogo polonês, apresenta uma crítica incisiva à metamorfose das relações sociais da juventude, no cerne da família, da escola e do trabalho, sob a égide da *modernidade líquida*. Os vínculos familiares, outrora forjados pela solidez da sociedade industrial, se encontram em um processo de resignificação, ante a fluidez e o individualismo que definem a era contemporânea.

Essa volatilidade se manifesta na fragilização dos laços, que se tornam efêmeros, ecoando a instabilidade do mundo hodierno.

Esse processo carrega profundas implicações, já que, ao mesmo tempo em que oferece uma aparente liberdade e autonomia, pode deflagrar um profundo sentimento de insegurança, culminando na fragilização dos laços afetivos e na precarização das interações humanas.

Os fluidos se movem facilmente. Eles “fluem”, “escorrem”, “esvaem-se”, “respingam”, “transbordam”, “vazam”, “inundam”, “borrifam”, “pingam”; são “filtrados”, “destilados”; diferentemente dos sólidos, não são facilmente contidos — contornam certos obstáculos, dissolvem outros e invadem ou inundam seu caminho. Do encontro com sólidos emergem intactos, enquanto os sólidos que encontraram, se permanecem sólidos, são alterados — ficam molhados ou encharcados. A extraordinária mobilidade dos fluidos é o que os associa à ideia de “leveza”. Há líquidos que, centímetro cúbico por centímetro cúbico, são mais pesados que muitos sólidos, mas ainda assim tendemos a vê-los como mais leves, menos “pesados” que qualquer sólido. Associamos “leveza” ou “ausência de peso” à mobilidade e à inconstância: sabemos pela prática que quanto mais leves viajamos, com maior facilidade e rapidez nos movemos. Essas são razões para considerar “fluidez” ou “liquidez” como metáforas adequadas quando queremos captar a natureza da presente fase, nova de muitas maneiras, na história da modernidade (Bauman, 2002, p. 8-9).

A *leveza* e a *mobilidade* dos fluidos, que Bauman (2002) associa à modernidade, traduzem-se na vida das juventudes como uma obrigação de estarem sempre em movimento, de *viajarem leves*, sem vínculos fixos que possam pesá-los. Isso se manifesta em empregos por contrato, moradias temporárias e relações interpessoais que, muitas vezes, carecem de profundidade, espelhando a fluidez das interações nas redes sociais. A busca por experiências, mais do que por estabilidade, torna-se a nova bússola. A identidade, antes vista como algo a ser construído e solidificado, torna-se um projeto em constante fluxo, passível de ser alterado a qualquer momento para se adequar a novas circunstâncias ou a novas tendências.

Esse cenário se manifesta de forma ainda mais evidente nas interações mediadas pelas redes digitais, onde a busca por reconhecimento simbólico e afetivo convive com a volatilidade das relações. Castells (1999), ao analisar a sociedade em rede, reforça que essas conexões, embora potencializem a comunicação, frequentemente produzem um sentimento de isolamento e superficialidade. Giddens (2002), por sua vez, observa que a construção da identidade na modernidade tardia se dá em um “projeto reflexivo do eu”, constantemente atualizado, mas também permanentemente vulnerável. Assim, os jovens experimentam simultaneamente a possibilidade de maior visibilidade social e o peso da instabilidade emocional, resultante da fragilidade dos laços e da constante necessidade de reinvenção.

Embora a analogia da modernidade líquida seja perspicaz, ela também exige uma análise crítica, especialmente quando aplicada à vida das juventudes. A fluidez, para muitos, não é uma escolha, mas sim uma imposição. A precarização do trabalho, por exemplo, não é uma *leveza* desejada, mas sim, representa a ausência de direitos trabalhistas e segurança financeira, resultando em ansiedade e incertezas. O fato de os fluidos *dissolverem* os sólidos, pode ser interpretado como o colapso de instituições de apoio social, deixando as juventudes desamparadas, sem as redes de proteção que as gerações anteriores desfrutavam.

Além disso, a fluidez, para uns, pode ser sinônimo de liberdade, enquanto para outros, é uma fonte de vulnerabilidade. Aqueles com maior capital cultural, social e econômico podem de fato se mover com *maior facilidade e rapidez*, usufruindo da mobilidade e da inconstância. Já para as juventudes periféricas, essa *fluidez* se traduz em insegurança, falta de acesso às oportunidades e a um futuro digno. Nesse sentido, a *leveza* do mundo líquido não é universal, mas distribuída de forma desigual, perpetuando e aprofundando as desigualdades sociais. As juventudes, portanto, são um campo de batalha, onde o individualismo e a busca por fluidez coexistem com a necessidade de solidez, segurança e pertencimento, elementos cada vez mais escassos em um mundo que escorre por entre os dedos.

Diante disso, a dialética entre indivíduo e sociedade revela-se como um campo fértil para a análise crítica das dinâmicas sociais contemporâneas, em que a busca por autenticidade e a resistência à opressão coexistem com a fragmentação e a alienação. A partir dessa perspectiva, a análise das relações entre indivíduo e sociedade torna-se fundamental para compreender os desafios e as possibilidades de construção de uma sociedade mais justa e democrática, já que, nas palavras de Horkheimer (2000, p. 140-141), “[...] o individualismo é o próprio coração da teoria e prática do liberalismo burguês, que vê a sociedade como um todo que progride através da interação automática de interesses divergentes num mercado livre”.

Olhar para as juventudes a partir da lente das desigualdades sociais, mostra que a pluralidade juvenil é atravessada por realidades marcadamente distintas. Jovens oriundos de grupos vulnerabilizados enfrentam obstáculos muito mais severos em relação ao acesso à educação, saúde, cultura, lazer, trabalho e segurança, quando comparados a seus pares de contextos mais privilegiados. Fatores como a pobreza, o racismo estrutural, as desigualdades de gênero e as diferenças territoriais conformam cenários desiguais de oportunidades, reforçando a exclusão e limitando os horizontes de futuro de parcelas significativas da juventude. Além disso, a violência urbana e institucional, que recai de forma desproporcional sobre determinados grupos juvenis, sobretudo os jovens negros e periféricos, afeta profundamente a desigualdade entre jovens (Abramovay; Esteves, 2007).

Dessa forma, é fundamental destacar a importância de compreender as juventudes a partir da interseccionalidade, ressaltando que não existe uma única experiência juvenil, mas diferentes formas de ser jovem em sociedades, marcadas pela desigualdade. O reconhecimento dessa diversidade é condição *sine qua non* para a formulação de políticas públicas efetivas e inclusivas.

A compreensão das juventudes como sujeitos de direitos implica, necessariamente, pensar em políticas públicas que

transcendam o caráter meramente compensatório. Para Moll (2012), as políticas voltadas às juventudes devem ser concebidas de forma integrada, articulando educação, cultura, trabalho, saúde e participação social. Essa perspectiva rompe com a fragmentação das ações governamentais e reconhece que a condição juvenil não pode ser reduzida a uma etapa de transição, mas deve ser afirmada como tempo presente de produção de cultura, de inserção social e de participação cidadã.

3 O DESAFIO LÍQUIDO DO EMPREGO: AS JUVENTUDES E A INSTABILIDADE NO MERCADO DE TRABALHO CONTEMPORÂNEO

A modernidade líquida, com sua característica de fluidez e instabilidade, tem reconfigurado profundamente o mundo do trabalho. Os contratos de trabalho por tempo indeterminado, antes considerados a norma, estão sendo substituídos por relações mais flexíveis e precárias, como os trabalhos temporários e os serviços por plataforma. A estabilidade profissional, outrora um ideal a ser perseguido, tornou-se um luxo cada vez mais raro.

A obsolescência acelerada do conhecimento e a constante necessidade de se adaptar a novas tecnologias, impõem aos trabalhadores uma busca incessante por qualificação e atualização, transformando o mercado de trabalho num ambiente altamente competitivo e exigente. A precarização das relações laborais, por sua vez, tem gerado insegurança e ansiedade nos trabalhadores, que se veem obrigados a conciliar múltiplos empregos e a lidar com jornadas de trabalho cada vez mais longas e extenuantes.

[...] “Flexibilidade” é o slogan do dia, e quando aplicado ao mercado de trabalho augura um fim do “emprego como o conhecemos” anunciando em seu lugar o advento do trabalho por contratos de curto prazo, ou sem contratos, posições sem cobertura previdenciária, mas com cláusulas “até nova ordem”. A vida de trabalho está saturada de incertezas (Bauman, 2001, p. 169).

O modelo tradicional de emprego, caracterizado por contratos de longa duração e garantias sociais, desintegra-se, dando lugar a um cenário de instabilidade e insegurança crônicas. A proliferação de vínculos empregatícios temporários, a supressão de direitos trabalhistas e a perene ameaça de desligamento, são fatores que configuram uma nova realidade, em que a incerteza se estabelece como regra. Essa hiperflexibilização, embora enaltecida em nome de um pretenso dinamismo e adaptabilidade, culmina na intensificação do labor, precarizando a qualidade de vida e erodindo as conquistas sociais, o que engendra um sentimento de insegurança e ansiedade no seio das juventudes trabalhadoras.

[...] No mundo do desemprego estrutural ninguém pode se sentir verdadeiramente seguro. Empregos seguros em empresas seguras parecem parte da nostalgia dos avós; nem há muitas habilidades e experiências que, uma vez adquiridas, garantam que o emprego será oferecido e, uma vez oferecido, será durável [...] (Bauman, 2001, p. 178).

Na análise de Bauman (2001) sobre um mundo marcado pelo *desemprego estrutural*, são as juventudes que se encontram no epicentro dessa tempestade de incerteza. Para as novas gerações, a noção de um emprego estável, com estabilidade e previsibilidade, já não passa de uma vaga memória de um passado que nunca viveram. A aquisição de novas habilidades e a acumulação de experiências, que antes prometiam um futuro profissional seguro, perderam seu valor como garantia de emprego ou de uma trajetória sólida.

Leon (2007) acompanha essa linha de reflexão crítica, ao abordar a centralidade que o emprego assume nos projetos de

vida dos jovens e as dificuldades que enfrentam, em um contexto de transformações estruturais no mercado laboral. Mudanças econômicas globais, a flexibilização das relações de trabalho e o avanço da informalidade impactam diretamente a inserção profissional das novas gerações.

É durante essa fase da vida que o indivíduo se constitui como ser autônomo pelo processo de relação com suas redes sociais: com suas famílias, seus grupos e suas comunidades; e pela interação que emerge nos campos da educação e do trabalho. Tudo indica que as experiências adquiridas nesse período podem influenciar toda a trajetória futura do jovem e de forma ainda mais determinante do que em outras faixas etárias (Leon, 2007, p. 270).

Essa tensão entre a busca por autonomia financeira e a realidade da exclusão ou precarização faz emergir um quadro de frustração e de incerteza quanto ao futuro. Em que pese o trabalho seja um elemento estruturante da identidade juvenil, a sua fragilidade no contexto contemporâneo exige que políticas públicas sejam repensadas, a fim de garantir oportunidades reais de inserção digna, articulando educação, formação profissional e mecanismos de proteção social.

A chamada *uberização do trabalho* é um exemplo emblemático dessa lógica. Jovens que atuam em plataformas digitais, como entregadores e motoristas de aplicativos, são frequentemente apresentados como empreendedores de si mesmos, mas na prática vivenciam jornadas longas, ausência de proteção social e instabilidade permanente. Esse fenômeno não é exclusivo do Brasil, já que estudos da Organização Internacional do Trabalho (OIT, 2021) mostram que, em toda a América Latina, as juventudes são os grupos mais expostos à informalidade e à falta de direitos trabalhistas.

Frigotto (2010) alerta que a redução da escola a uma formação voltada apenas à empregabilidade reforça essa condição de vulnerabilidade, transformando a juventude em reserva de mão de obra barata, ao invés de formar sujeitos críticos capazes de intervir no mundo do

trabalho. Em complemento, é fundamental reconhecer que a escola ocupa um papel central na vida juvenil, mas precisa se reinventar para dialogar com as novas demandas sociais e culturais. Como enfatiza Moll (2012), é preciso compreender as juventudes como sujeitos de direitos e produtores de cultura, e não apenas como receptores de conteúdos escolares. Ao valorizar as experiências juvenis e integrá-las ao cotidiano da escola, ampliam-se as possibilidades de pertencimento e de construção de projetos de vida. Essa visão aponta para a necessidade de políticas públicas que articulem educação, cultura, trabalho e cidadania, superando perspectivas fragmentadas e garantindo que as juventudes sejam reconhecidas em sua pluralidade.

A precarização do trabalho subverte a lógica de carreira tradicional, exigindo das juventudes uma adaptação contínua e, por vezes, exaustiva às demandas de um mercado de trabalho volátil. A flexibilidade imposta a esses jovens, frequentemente, se traduz em sobrecarga, condições laborais degradantes e uma ansiedade constante. A citação de Bauman (2000, p. 76), que diz que “hoje o capital viaja leve apenas com a bagagem de mão que inclui nada mais que pasta, telefone celular e computador portátil”, ressoa como um alerta sobre a mobilidade do capital em contraste com a vulnerabilidade da força de trabalho, especialmente a dos jovens, que carregam o fardo mais pesado dessa nova realidade.

As juventudes na contemporaneidade é um tema complexo e multifacetado, que exige uma análise que vá além de generalizações, pois os jovens estão inseridos em realidades diversas, moldadas por uma série de fatores sociais, econômicos e culturais. Carrano e Martins (2011) capturam essa complexidade de forma precisa, destacando como as experiências dos jovens são intrinsecamente ligadas a suas condições de vida:

Os jovens ou grupo de jovens estão inseridos em realidades não homogêneas, ou seja, onde questões como inclusão/exclusão, poder aquisitivo, inserção cultural e social como sujeito de direitos/não direitos, condições

de saúde, moradia, trabalho, escolarização, segurança, gênero, irão influenciar sobremaneira na construção de identidades plurais (Carrano; Martins, 2011, p. 53).

Nesse contexto, as juventudes contemporâneas são marcadas por uma série de contradições. Ao mesmo tempo em que os jovens têm acesso a uma vasta gama de informações e possibilidades, uma parte significativa deles enfrenta barreiras que dificultam sua plena participação na sociedade — falta de acesso a direitos básicos, precariedade no mercado de trabalho, violência urbana, entre outros fatores. Essas realidades impactam a vida de milhões de jovens, moldando suas identidades e limitando suas perspectivas de futuro.

As juventudes se constituem como sujeitos em disputa, e esse campo de disputa é retratado por Frigotto (2001), partindo da compreensão de que o trabalho deve ser entendido não apenas como atividade produtiva ou emprego, mas como uma *categoria fundante da vida social e dimensão constitutiva da formação humana*. O autor defende a concepção do trabalho como princípio educativo, retomando tradições críticas que buscam superar a visão utilitarista da educação, que tem sido voltada (quase que exclusivamente) à empregabilidade. “O trabalho, enquanto atividade vital, não se reduz à dimensão econômica ou à venda da força de trabalho; ele é o fundamento ontológico do ser social” (Frigotto, 2001, p. 75).

Para as juventudes, essa perspectiva implica o direito à formação integral, capaz de articular conhecimentos científicos, técnicos, culturais e políticos, assegurando não apenas a inserção no mundo do trabalho, mas também a compreensão crítica das relações sociais que o estruturam. Assim, a escola não deve se reduzir a espaço de *adestramento* para funções específicas, mas se configurar como lugar de formação de sujeitos autônomos, criativos e capazes de intervir no mundo.

De um lado, os jovens são alvo de políticas e práticas que as reduzem à condição de mão de obra barata e descartável,

especialmente em contextos de flexibilização e precarização do trabalho. De outro, representam uma *potência transformadora*, pois, quando organizadas coletivamente, podem se colocar como protagonistas na luta por direitos e por um projeto de sociedade mais justo. Frigotto (2010, p. 132) alerta que “a juventude, sobretudo a das classes populares, é capturada como contingente de reserva para o mercado precarizado, mas também emerge como força política capaz de questionar a lógica da exclusão”.

Dito isso, a relação entre juventude e trabalho se revela contraditória: ao mesmo tempo em que expressa a exploração imposta pela lógica do capital, abre espaço para a resistência e a construção de alternativas emancipatórias. Nesse sentido, compreender o trabalho como princípio educativo é também reconhecer as juventudes como agentes ativos da história, capazes de tensionar os limites da realidade social e propor novas formas de viver, produzir e conviver (Frigotto, 2010).

Em complemento, ao (re)pensar a participação social e política das juventudes, destaca-se que sua organização nesses espaços, traz à tona pautas ligadas à diversidade, à justiça social, à igualdade de gênero, à luta antirracista, entre outras, indicando um alargamento do campo político. Essa multiplicidade de formas de participação demonstra que os jovens não estão alheios à vida pública, mas sim reinventando as formas de fazer política, ressignificando o espaço da cidadania. Assim, a visão que enxerga as juventudes apenas como apáticas ou desinteressadas, reconhecem-nas como força social ativa e criadora de alternativas de intervenção no presente.

Exemplos recentes confirmam essa dimensão de disputa, como os casos de ocupações de escolas, ocorridas em diversos estados brasileiros a partir de 2015, que mostraram que os jovens são capazes de construir coletivamente formas de resistência que desafiam a lógica da precarização da educação. No plano global, mobilizações como essa revelam como as juventudes se colocam

como protagonistas na formulação de agendas políticas. Esses movimentos apontam que, mesmo em meio à fluidez e à fragmentação social, as juventudes não estão condenadas à apatia, mas podem se constituir como força transformadora, ressignificando a política e ampliando os sentidos da cidadania.

A partir desse ponto, a *juventude líquida*, imersa em um mundo volátil, é convidada a desconstruir o que é dado como certo, a questionar as normas estabelecidas e a enxergar as contradições do sistema. Brecht (2000, p. 31), determina o seguinte: “Não aceitem o que é de hábito como coisa natural, pois em tempo de desordem sangrenta, de confusão organizada, de arbitrariedade consciente, de humanidade desumanizada, nada deve parecer natural nada deve parecer impossível de mudar”. A citação do autor ressoa profundamente com a realidade dessas novas gerações e atua como um manifesto, encorajando-as a não aceitarem passivamente o *status quo* e a reconhecerem que, mesmo em meio ao caos, a mudança é uma possibilidade real.

4 JUVENTUDES, FLUIDEZ E INCERTEZAS: O CONTRAPONTO DAS POSSIBILIDADES DE MUDANÇA

A análise reflexiva desenvolvida ao longo deste texto, busca evidenciar que as juventudes contemporâneas se encontram imersas em um contexto marcado por contradições estruturais próprias da modernidade líquida, conforme conceituada por Bauman (2001). As promessas de progresso vinculadas à educação, ao esforço individual e ao mérito, que outrora se associavam à perspectiva de mobilidade social ascendente, estabilidade profissional e segurança financeira, não se concretizam de maneira efetiva.

Pelo contrário, observa-se a emergência de um cenário de vulnerabilidade, precarização e incerteza que fragiliza os vínculos sociais e compromete a construção de projetos de vida consistentes. Como assinala Bauman (2001, p. 178), “no mundo do desemprego estrutural ninguém pode se sentir verdadeiramente seguro”, o que atinge de forma contundente as juventudes, historicamente situadas no epicentro das transformações sociais e econômicas.

No âmbito das relações sociais, a expansão do ambiente digital inaugura um paradoxo característico: a intensificação das conexões virtuais convive com a solidão e o isolamento, revelando a superficialidade dos laços e a fluidez das identidades (Bauman, 2001). Essa fragilidade relacional, somada à precarização do trabalho, amplia o sentimento de insegurança e instabilidade, exigindo dos jovens uma adaptação constante às exigências de um sistema que impõe flexibilidade como regra, mascarando-a sob a aparência de liberdade. Nesse sentido, como advertem Carrano e Martins (2011, p. 53), os jovens estão inseridos em realidades “não homogêneas”, nas quais fatores como classe, gênero, território, etnia e condições socioeconômicas influenciam de modo decisivo em suas trajetórias.

Constata-se, portanto, que a liquidez vivenciada pelas juventudes não configura uma escolha voluntária, mas uma imposição estrutural que acentua vulnerabilidades e limita a construção de percursos sólidos. A busca por autenticidade, vínculos estáveis e sentido existencial convive, de forma paradoxal, com a precariedade do trabalho, a efemeridade das relações e a ausência de garantias materiais e simbólicas.

Severiano (2001) observa que o narcisismo e o consumo funcionam como mecanismos de defesa diante desse contexto, mas atuam também como sintomas da crise de subjetividade, revelando a fragilidade da construção identitária na contemporaneidade. Ainda assim, as juventudes revelam potencial crítico e transformador.

Ao retomar Brecht (2000, p. 31), quando afirma que “nada deve parecer natural, nada deve parecer impossível de mudar”, compreende-se que os jovens são chamados a questionar as normas estabelecidas e a construir alternativas que possibilitem novos modos de viver, de relacionar-se e de intervir socialmente.

Diante desse quadro, torna-se imprescindível o fortalecimento de políticas públicas que reconheçam a heterogeneidade das juventudes (Leão, 2012) e que, ao mesmo tempo, assegurem direitos, ampliando oportunidades e consolidando mecanismos de proteção social. A compreensão das juventudes no conjunto da modernidade líquida exige, portanto, não apenas um olhar crítico sobre as condições impostas, mas também um compromisso ético e político, em que a fluidez não se restrinja à precarização, mas se converta em possibilidade efetiva de emancipação.

Dessa forma, ao refletir sobre as juventudes no contexto da modernidade líquida, torna-se imprescindível reforçar o seu papel como protagonistas na construção de alternativas sociais, políticas e culturais. Nessa direção, as juventudes precisam ser reconhecidas como tempo presente, sujeito de direitos e protagonistas das transformações necessárias à sociedade (Moll, 2012).

Essa concepção desloca a visão das juventudes como mero *vir a ser* e as afirma como agentes ativos do presente, capazes de *tensionar contradições* e propor novas formas de viver e conviver. Incorporar essa perspectiva significa não apenas analisar as fragilidades e vulnerabilidades que atravessam a condição juvenil, mas também reconhecer sua potência criativa e transformadora como condição fundamental para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e solidária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso reflexivo deste capítulo evidenciou que viver a juventude, na contemporaneidade, significa lidar com um cenário de incertezas e transformações constantes. A fluidez que caracteriza as relações sociais, afetivas e laborais impõe novos modos de existir, nos quais a segurança de vínculos estáveis é substituída por experiências transitórias e, muitas vezes, precárias. Nesse contexto, os jovens se veem diante do desafio de buscar autenticidade e pertencimento em meio a vínculos frágeis e a oportunidades instáveis.

A pluralidade das juventudes reforça que não há uma condição homogênea, mas múltiplas formas de ser jovem atravessadas por classe, gênero, território, raça e condições econômicas. Enquanto alguns experimentam a fluidez como possibilidade de reinvenção e mobilidade, outros a sentem como restrição, marcada pela falta de acesso a direitos básicos e pela insegurança cotidiana. Essa realidade desigual revela que a liquidez não se distribui de forma uniforme, mas acentua vulnerabilidades já existentes.

Mais do que um retrato de fragilidades, compreender as juventudes no interior da modernidade líquida exige reconhecer sua potência crítica e criativa. Em meio às contradições, os jovens produzem formas de resistência, criam redes de solidariedade e reivindicam espaços de participação, mostrando que a instabilidade também pode ser um campo fértil para a invenção de novos caminhos.

Essa condição paradoxal — entre vulnerabilidade e potência — convoca a sociedade a repensar suas estruturas de apoio. Torna-se indispensável fortalecer políticas públicas que assegurem direitos e ampliem oportunidades, garantindo que os jovens não sejam apenas adaptados às exigências do mercado, mas reconhecidos como sujeitos capazes de intervir no presente e projetar futuros alternativos.

Assim, pensar as juventudes hoje não é apenas analisar um grupo etário, mas refletir sobre a própria sociedade que se constrói. Em meio à fluidez de nosso tempo, os jovens se afirmam como protagonistas de possíveis transformações, capazes de tensionar as contradições da modernidade líquida e de apontar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e solidária.

Em síntese, refletir sobre as juventudes líquidas implica compreender não apenas os limites impostos por um mundo em transformação, mas também as possibilidades de resistência e de reinvenção social que emergem desse mesmo contexto. As contradições vividas pelos jovens, entre fragilidade e potência, revelam que o futuro não está dado, mas em disputa. Nesse horizonte, cabe à sociedade, às instituições e às políticas públicas a responsabilidade de criar condições para que a fluidez não se traduza em precariedade, mas em emancipação. Reconhecer as juventudes como protagonistas de seu tempo é, portanto, condição essencial para pensar novos projetos sociais, políticos e culturais que respondam às demandas do presente e projetem alternativas de futuro.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Miriam; ESTEVES, Luiz Carlos Gil. Juventude, Juventudes: pelos outros e por elas mesmas. *In*: ABRAMOVAY, Miriam; ANDRADE, Eliane Ribeiro; ESTEVES, Luiz Carlos Gil (Orgs.). **Juventudes**: outros olhares sobre a diversidade. Brasília: UNESCO; MEC, 2007. p. 19-54.
- BAUMAN, Zygmunt. **Em busca da política**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- BAUMAN, Zygmunt. **A modernidade líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. **La sociedad sitiada**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2002.
- BRECHT, Bertolt. **Poemas e canções**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Ed. 34, 2000.
- CARRANO, Paulo César Rodrigues; MARTINS, Carlos Henrique dos Santos. A escola diante das culturas juvenis: reconhecer para dialogar. **Educação**, Santa Maria, v. 36, n. 1, p. 43-56, jan./abr. 2011.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FÁVERO, Osmar [*et al.*] (Org.). **Juventude e contemporaneidade**. Brasília: UNESCO; MEC; Anped, 2007. (Coleção Educação para Todos)

FRIGOTTO, Gaudêncio. **A produtividade da escola improdutiva**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise (Orgs.). **Ensino médio integrado: concepção e contradições**. São Paulo: Cortez, 2010.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

HORKHEIMER, Max. Ascensão e declínio do indivíduo. *In*: **Eclipse da razão**. São Paulo: Centauro, 2000. p. 133-165.

LEÃO, Geraldo. Entre sonhos e projetos de jovens, a escola. *In*: DAYRELL, Juarez; MOREIRA, Maria Inês Chagas; STENGEL, Marlene (Orgs.). **Juventudes contemporâneas: um mosaico de possibilidades**. Belo Horizonte: PUC Minas, 2011. p. 93-115.

LEÃO, Renato Zerbini Ribeiro. **Jovens e direitos: legislação comparada em matéria de juventude – Brasil e a Convenção Ibero-Americana**. Brasília: Organização Ibero-Americana de Juventude (OIJ), 2012.

LEON, Alessandro Lutfy Poncede. Juventude, Juventudes: uma análise do trabalho e renda da juventude brasileira. *In*: ABRAMOVAY, Miriam; ANDRADE, Eliane Ribeiro; ESTEVES, Luiz Carlos Gil (Orgs.). **Juventudes: outros olhares sobre a diversidade**. Brasília: UNESCO; MEC, 2007. p. 268-320.

MOLL, Jaqueline. **Caminhos da Educação Integral no Brasil: direito a outros tempos e espaços educativos**. Porto Alegre: Penso, 2012.

OIT. Organização Internacional do Trabalho. **Perspectivas sociais e de emprego no mundo: o papel das plataformas digitais na transformação do mundo do trabalho**. Genebra: OIT, 2021.

SEVERIANO, Maria de Fátima Vieira. **Narcisismo e publicidade: uma análise psicossocial dos ideais do consumo na contemporaneidade**. São Paulo: Annablume, 2001.

SOARES, Frederico Fonseca. Neoindivíduo: questões sobre a liberdade na modernidade líquida. **Cadernos Zygmunt Bauman**, v. 1, n. 2, p. 1-14, 2011.

Marilce Zotti

Professora de Educação Básica na Rede Estadual do Mato Grosso (SEDUC/MT).
Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em
Educação da Universidade Regional Integrada e do Alto Uruguai e das Missões
– Câmpus de Frederico Westphalen/RS (PPGEDU/URI).

E-mail: marilce.zotti@edu.mt.gov.br

Dayana Pereira Cordeiro

Professora de Educação Básica na Rede Estadual do Mato Grosso (SEDUC/MT).
Mestranda em Educação pelo PPGEDU/URI.

E-mail: dayana.cordeiro@edu.mt.gov.br

Cleiton Santos da Silva

Técnico administrativo na Rede Estadual de Educação do Mato Grosso (SEDUC/
MT). Mestrando em Educação pelo PPGEDU/URI.

E-mail: cleiton.snva@gmail.com.

Chanauana de Azevedo Canci

Professora de Educação Básica na Rede Estadual do Rio Grande do Sul
(SEDUC/RS). Doutora em Educação (PPGEDU/URI).

E-mail: chana.canci@gmail.com.